

O VOTO DE JEFTÉ: duas possibilidades para a interpretação cristã.

The Vote of Jephthah: two possibilities for Christian interpretation.

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

Este artigo apresenta um breve estudo sobre o Voto de Jefté, localizado em Jz 11.29-40. O objetivo é demonstrar duas possibilidades de interpretação para essa passagem do ponto de vista cristão, além de tentar explicar as ações de Jefté e o porquê do mesmo estar inserido na galeria dos Heróis da Fé. Baseado no pensamento de autores como John Walton, Willian S. Lasor e Warren W. Wiersbe, essa pesquisa chega ao entendimento de que a posição sacrificialista é a mais assertiva em relação a não-sacrificialista; também se conclui que Jefté, numa tentativa de barganhar com Deus, deixou-se influenciar pela cultura e questões pessoais para a realização de um voto insensato, que de maneira nenhuma foi solicitado ou apreciado por Deus.

Palavras Chave: Voto de Jefté. Livro de Juízes. Juízes 11.29-40.

ABSTRACT

This article presents a brief study of the Vote of Jephthah, in Judges 11.29-40. The objective is to demonstrate two interpretation possibilities for this text from a Christian point of view, in addition to trying to explain the acts of Jephthah and why he is in the Heroes of Faith gallery. Based on authors like John Walton, Willian S. Lasor and Warren W. Wiersbe, this research understands that the sacrificial position is the most assertive in relation to the non-sacrificial; it was also concluded that Jephthah, in an attempt to bargain with God, let himself be influenced for culture and personal issues to take an imprudent vote, which was not asked or appreciated by God.

Keywords: Vote of Jephthah. The Book of Judges. Judges 11.29-40.

¹ Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). E-mail: flavianosiedeliske@gmail.com



INTRODUÇÃO

O Voto de Jefté (Jz 11.29-40) é um dos textos que mais gera dúvida ao leitor: ele matou a própria filha? Por que Deus aceitaria um voto como esse? Como ele é considerado um “Herói da Fé”? Não é a toa que essa passagem influenciou a criação de dramas, poemas, novelas, hinos, cantatas, óperas e dissertações ao longo da história (MARCUS, 1986, p. 7 apud LEAL, 2011, p. 49).

O problema que essa pesquisa deseja responder é: como o cristão pode interpretar esse texto? Após apresentar as duas linhas básicas de interpretação cristã, a não-sacrificialista e a sacrificialista, a hipótese levantada é que, dentre elas, a última é a mais coerente, podendo ser explicada pela interferência cultural e pessoal de Jefté em sua construção da imagem de Deus.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O LIVRO E A PASSAGEM

O livro de Juízes² descreve aquilo que, biblicamente, ocorre entre os anos de Josué e Davi (HILL; WALTON, 2007, p. 214), sendo que sua narrativa foca nas ações dos *Shôftim*, que, diferente do significado judicial que o termo *Juízes* possa indicar, agiam como libertadores e líderes militares (LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 166; GUSSO, 2011, p. 28).

Seu autor é desconhecido, no entanto, pelo uso da frase “naqueles dias, não havia rei em Israel” (Jz 17.6; ver: 18.1; 19.1; 21.25),³ os professores Raymond B. Dillard e Tremper Longman III (2006, p. 116) defendem que o mesmo viveu no período inicial da monarquia em Israel.⁴

² No latim *Liber Judicum*; no grego *Kritai* (κρίται); e no hebraico *shôftim* (GUSSO, 2011, p. 28).

³ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução da Almeida Revista e Atualizada – ARA.

⁴ Algumas teorias sobre autoria de Juízes: 1) primeiramente, a tradição judaica aponta para Samuel como o autor, mesmo carecendo de evidências (HILL; WALTON, 2007, p. 210); 2) também há a teoria da Fonte Deuteronomista, na qual os livros de Deuterônimo, Josué, Juízes, Samuel e Reis seriam obra de um único autor ou compilador durante o período exílico (DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 116).



Longe de apresentá-los como pessoas perfeitas, o livro retrata os juízes como “seres humanos profundamente corrompidos” (DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 116), exemplo disso são os relatos envolvendo Eúde (Jz 3.12-30) e Sansão (Jz 13-16).⁵ Outro ponto interessante é a existência de um padrão cíclico nos eventos relatados no livro, como explica Samuel J. Schultz (2009, p. 132):

Quando os israelitas perdiam sua independência e passavam a servir os opressores, reconheciam então que sofriam as consequências da desobediência a Deus. Quando tomavam consciência de seu pecado, voltavam-se penitentes para Deus [...]. Pecado, tristeza, súplica e salvação formavam a ordem usual de coisas.

Antes de analisar a figura de Jefté, o gileadita⁶ (Jz 11.1-12.7), faz-se necessária uma breve exposição do que ocorre na perícopre anterior (10.6-18), pois, conforme os princípios de exegese e hermenêutica, é importante analisar o contexto literário de uma passagem, para entender os motivos dela estar inserida naquele exato ponto do discurso (STUART; FEE, 2008, p. 205): 1) esta passagem inicia-se, novamente, com as palavras “tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o Senhor” (v. 6), indicando que o povo novamente cai em pecado e desobedece a Deus; 2) desta feita, os israelitas despertam a ira de Deus, que os entrega na mão dos seus inimigos (v. 7-9); 3) os israelitas, então, clamam a Deus em arrependimento (v. 10-16a); e 4) assim como comenta Paul C. House (2005, p. 277), essa é a “reação adequada de Israel, e essa reação recebe a aprovação divina”, pois o texto diz que “já não pôde ele [o Senhor] reter a sua compaixão por

⁵ Não apenas os líderes, mas toda a nação de Israel é representada como profundamente corrompida (DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 116, 123), prova disso é a expressão “fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor” (Jz 2.11), que aparece diversas vezes ao longo do livro: Jz 3.7, 12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1.

⁶ Os autores John H. Walton, Victor H. Matthews e Mark W. Chavalas explicam que, geograficamente, Gileade é a “região da Transjordânia delimitada pelo rio Jaboque ao sul [...] e pelo rio Jarmuque, ao norte”.



causa da desgraça de Israel” (v. 16b), e esse é um verso ímpar para entender o significado do voto de Jefé.

Após a narrativa acima, o texto foca na história de Jefé. Filho de uma prostituta, ele é expulso pelos seus próprios irmãos e vai morar na cidade cananea de Tobe⁷ (11.1-3). Todavia, os anciãos de Gileade o convocaram para liderá-los na guerra contra os amonitas⁸ (v. 4-11). Mesmo Jefé tentando inúmeras negociações (v. 12-28),⁹ a batalha tornou-se eminente, e, junto dela, seu famoso voto (v. 29-40):

Então, o Espírito do Senhor veio sobre Jefé; e, atravessando este por Gileade e Manassés, passou até Mispa de Gileade e de Mispa de Gileade passou contra os filhos de Amom. Fez Jefé um voto ao Senhor e disse: Se, com efeito, me entregares os filhos de Amom nas minhas mãos, quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto. Assim, Jefé foi de encontro aos filhos de Amom, a combater contra eles; e o Senhor os entregou nas mãos de Jefé. Este os derrotou desde Aroer até às proximidades de Minite (vinte cidades ao todo) e até Abel-Queramim; e foi mui grande a derrota. Assim, foram subjugados os filhos de Amom diante dos filhos de Israel. Vindo, pois, Jefé a Mispa, a sua casa, saiu-lhe a filha ao seu encontro, com adufes e com danças; e era ela filha única; não tinha ele outro filho nem filha. Quando a viu, rasgou as suas vestes e disse: Ah! Filha minha, tu me prostras por completo; tu passaste a ser a causa da minha calamidade, porquanto fiz voto ao Senhor e não

⁷ Tobe, que também é citada em 2Sm 10.6-8 (WEBB, 2009, p. 423), “foi identificada como et-Tayibeh, na região entre Edrei (Der’a) e Bozra (Busra ash-Sham) no oeste de Gileade” (WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 338-339).

⁸ Os amonitas, que viviam na região do rio Jaboque, já eram conhecidos dos registros assírios, possuindo o nome de Bit-Ammon, moradores da “terra de Benammanu” (WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 338).

⁹ Um fato importante para a pesquisa é a maneira como Jefé é descrito como um grande negociador: 1) negociou com os anciãos de Gileade para ser seu líder em troca de sua presença na batalha (Jz 11.9); 2) negociou com os reis das proximidades para evitar o confronto (11.12-28); e 3) como será demonstrado adiante, seu voto foi nada mais que uma tentativa de negociar a vitória com Deus (11.30-31). Paul Gardner (2005, p. 311) o define como “um líder inteligente e prático”.



tornarei atrás. E ela lhe disse: Pai meu, fizeste voto ao Senhor; faze, pois, de mim segundo o teu voto; pois o Senhor te vingou dos teus inimigos, os filhos de Amom. Disse mais a seu pai: Concede-me isto: deixa-me por dois meses, para que eu vá, e desça pelos montes, e chore a minha virgindade, eu e as minhas companheiras. Consentiu ele: Vai. E deixou-a ir por dois meses; então, se foi ela com as suas companheiras e chorou a sua virgindade pelos montes. Ao fim dos dois meses, tornou ela para seu pai, o qual lhe fez segundo o voto por ele proferido; assim, ela jamais foi possuída por varão. Daqui veio o costume em Israel de as filhas de Israel saírem por quatro dias, de ano em ano, a cantar em memória da filha de Jefte, o gileadita.

A ação de “propor votos” não era incomum na narrativa bíblica (Nm 30; Sl 22.25; Ec 5.4-5), aparecendo, também, na literatura secular.¹⁰ No entanto, o que gera desconforto na leitura é o fato de Jefte ter sacrificado a própria filha, mesmo existindo trechos no Pentateuco em que Deus trata tal ato como uma abominação (Lv 18.21; Dt 12.31). Ao longo da história, vários intérpretes tentaram entender esse polêmico trecho das escrituras. Em seguida, serão observadas duas possibilidades pelas quais os cristãos podem interpretar tal passagem.

2. POSIÇÃO NÃO-SACRIFICIALISTA

A posição não-sacrificialista defende que Jefte não sacrificou literalmente sua filha, mas a consagrou para Deus. Um defensor dessa visão é Warren W. Wiersbe, que, ao comentar a referida passagem, apresenta algumas razões para sua linha de interpretação (WIERSBE, 2006, p. 140-141): 1) para Wiersbe, é certo que Jefte saberia que Deus não aprova sacrifícios humanos; 2) os vizinhos e parentes de Jefte não o deixariam cumprir tal

¹⁰ Walton, Matthews e Chavalas (2018, p. 340) citam a narrativa do voto do rei Idomeus, de Creta, que, após um saque a Troia, é pego por uma tempestade que o obrigou a fazer um voto semelhante ao de Jefte, o qual resultou na morte de seu próprio filho.



imprudência; 3) Jefté não teria onde oferecê-la em sacrifício, a menos que viajasse para Siló (Lv 17.1-9; Dt 16.2-16); e 4) os sacerdotes o teriam advertido sobre a possibilidade de redimi-la mediante pagamento de determinado valor (Lv 27.1-8).

Com as razões acima, qual a solução para o cumprimento do voto de Jefté no verso 39? Wiesrbe (2006, p. 141) explica que a conjunção “e”, no verso 31, pode ser traduzida por “ou”, e, dessa maneira, o voto teria duas partes: “aquilo que fosse ao encontro dele seria consagrado ao Senhor (se fosse uma pessoa) ou sacrificado ao Senhor (se fosse um animal)”. Assim, segundo a posição não-sacrificialista, Jefté consagrou sua filha para o serviço no tabernáculo (Êx 38.18; 1Sm 2.22).

Essa teoria tomou forma a partir da Idade Média, tendo como dois de seus principais representantes David Kimhi (1160-1235) e Nicolau de Lyra (1270-1349) (LEAL, 2011, p. 72-73, 74). Dessa maneira, a posição não-sacrificialista é uma tentativa de interpretar o texto explicando “positivamente” o voto de Jefté, numa tentativa de “justificar” as ações do libertador e a inserção do mesmo entre os “heróis da fé” (Hb 11.32).

3. POSIÇÃO SACRIFICIALISTA

Cundall e Morris (1986, p. 142) afirmam que essa era a interpretação defendida por todos os comentaristas e historiadores primitivos,¹¹ que consiste em apontar a passagem como um sacrifício literal da filha de Jefté.

Arthur E. Cundall (1986, p. 141) rejeita o argumento que Jefté teria em mente um sacrifício de animal, afirmando que tal argumento carece de base. Walton, Matthews e Chavalas (2018, p. 340) ainda acrescentam que “não havia o costume de manter

¹¹ Jônatas de Mattos Leal (2011, p. 65-71) destaca os defensores dessa posição ao longo da história: 1) na Tradição Judaica têm-se o Targum, Pseudo-Filo, Flávio Josefo e os Midrashim; 2) já na Tradição Cristã encontram-se nomes como Tertuliano (160-230), Orígenes (185-254), Metódio de Olimpo (?-311), Ambrósio (340-397), João Crisóstomo (354-407) e Agostinho (354-430). O autor ainda destaca a interpretação do último, que relaciona Jefté e sua filha com Cristo e a Igreja (p. 82).



em casa animais domésticos, como cães, tampouco eles seriam considerados adequados para o sacrifício”. Ou seja, Jefé já previa um sacrifício humano, por mais que não fosse de sua filha.¹²

Entretanto, como essa ação pode ser explicada? Primeiramente, Jefé vivera numa sociedade pagã (Jz 11.3), longe do povo de Israel e da lei de Deus, logo, possuía um entendimento equivocado sobre a imagem Deus (GARDNER, 2005, p. 311).¹³ Dessa maneira, o que Jefé fez foi agir de acordo com sua cultura, não com as ordenanças do verdadeiro Deus (GUSSO, 2011, p. 40). House (2005, p. 278) comenta que essa atitude de Jefé representa a condição espiritual de Israel: um sincretismo com as religiões pagãs dos cananeus.

Em segundo lugar, Deus não pediu a Jefé voto algum, sendo esse um ato impulsivo e desnecessário da parte do juiz, que, como grande negociador, tentou barganhar com Deus (GARDNER, 2005, p. 311; WEBB, 2009, p. 424). Todavia, como demonstrado, Deus já havia despejado sua compaixão e misericórdia para com seu povo (Jz 10.16b) e capacitado Jefé com Seu Espírito (11.29): Deus já estava trabalhando em favor de Israel, mas Jefé achou que isso não era o suficiente e realizou seu voto desnecessariamente. Deveras, não há indício que Deus se agradou da atitude de Jefé (GUSSO, 2011, p. 40).

Assim, a posição sacrificialista interpreta o sacrifício da filha de Jefé como sendo literal, devido um voto insensato de seu pai que, movido pelo seu contexto cultural e desconfiança em Deus, tentou barganhar sua vitória com o mesmo, algo que não foi ordenado nem agradou ao Senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa breve pesquisa, foi possível demonstrar duas correntes cristãs de interpretação do Voto de Jefé: a não-

¹² Cundall (1986, p. 142) defende que Jefé esperava que o sacrifício envolvesse um de seus servos.

¹³ O culto ao deus pagão Camos incluía sacrifício de crianças, como demonstrado em 2Rs 3.27 (LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 174-175).



sacrificialista e a sacrificialista. Dentre as duas, a posição sacrificialista é a mais aceita na história da igreja, e também é defendida, neste trabalho, como a mais assertiva, tendo em vista os argumentos apresentados.

Deve-se entender que as ações de Jefté ocorreram porque, apesar de levantado por Deus, ele ainda era um ser humano pecador e falho, ele ainda era “do nosso time” (LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 174). Não só Jefté, mas, como explica Gerhard von Rad (2006, p. 322), Gideão, Sansão e Saul também

[...] mostram uma tendência quase típica. É que a vocação logo se segue a comprovação pública do seu carisma através de uma vitória contra os inimigos. Mas depois, a linha se inclina bruscamente para baixo, e aquele que tinha sido instrumento privilegiado da vontade histórica de Javé se envolve em pecado, é humilhado ou se torna vítima de outra catástrofe qualquer.

A ideia de que os juízes não eram descritos como supremos modelos espirituais, mas como humanos falhos, explica a presença de Jefté entre na galeria de Heróis da Fé de Hebreus 11: nenhuma daquelas pessoas era perfeita, e em todas se pode encontrar algo censurável (LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 177).

Dessa maneira, conclui-se que Jefté, movido pela cultura e desconfiança em Deus, sacrificou sua filha literalmente; e esse não foi um voto que agradou ao Senhor, mas uma abominação. Logo, não se pode deixar que questões culturais e pessoais interfiram na imagem do “deus” que a igreja cultua, todavia, deve-se buscar entender a revelação que o próprio Deus proporciona de si mesmo nas Escrituras.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNDALL, Artur E; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute:** introdução e comentário. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

DILLARD, Raymond B; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2006.

GARDNER, Paul. Jefté. In: GADNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada.** São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 310-311.

GUSSO, Antônio Renato. **Os Livros Históricos:** introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: AD SANTOS EDITORA, 2011.

HILL, Andrew E; WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2007.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2005.

LASOR, Willian Sanford; HUBBARD David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEAL, Jônatas de Mattos. **Religião, sacrifícios humanos e hermenêutica:** Um estudo a partir da história da interpretação do sacrifício da filha de Jefté em Jz 11,29-40. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco: Recife, 2011.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento.** 2ª ed. São Paulo: ASTE / TARGUMIM, 2006.



SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WEBB, Barry G. Juízes. In: CARSON, D. A. [et. al.]. **Comentário Bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 399-437.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume II, Históricos. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006.

